

VAZIO EXISTENCIAL E O ABUSO DO ÁLCOOL: CONTRIBUIÇÕES DA LOGOTERAPIA

CORRELATIONS BETWEEN THE EXISTENTIAL VOID AND ALCOHOL ABUSE: CONTRIBUTIONS OF LOGOTHERAPY

Laura Boletta Marques

Universidade Federal do Paraná

Adriano Furtado Holanda

Universidade Federal do Paraná

Carlos Augusto Serbena

Universidade Federal do Paraná

Resumo. O presente estudo correlaciona o sentimento de vazio existencial, como proposto pela Logoterapia, e o abuso do álcool. Para tanto foram aplicados os questionários CAGE, para a identificação da presença do uso/abuso do álcool, e o Questionário Sentido da Vida (QSV), mensurando o grau de realização com a vida. A bibliografia relaciona a dependência química com o baixo grau de satisfação pessoal, evidenciado pelo sentimento de vazio existencial, o que se confirmou na pesquisa. Neste estudo foi apontado o Alcoólicos Anônimos (AA) como importante norteador de sentidos em dependentes químicos, sendo que estes obtiveram um escore maior nos questionários referentes a busca de sentido e realização pessoal após as participações do grupo de AA.

Palavras-chave: Logoterapia; Dependência química; Vazio existencial; Alcoolismo.

Abstract. This study aims to correlate the feeling of existential emptiness, as proposed by logotherapy, and alcohol abuse. For that, the CAGE questionnaire was applied to identify the presence of alcoholism or substance abuse, and the Meaning of Life Questionnaire was applied for measuring the degree of satisfaction with life. The bibliography correlates alcohol dependency with low degree of personal satisfaction, evidenced by the feeling of lack of life meaning, which was confirmed on this research. This study pointed out the Alcoholics Anonymous (AA) as an important guide in recovering a meaning for drug addicts, because those obtained higher scores on the search for meaning and fulfillment questionnaires after joining the AA group.

Keywords: Logotherapy; Substance Dependence; Existential Emptiness; Alcohol Dependence.

INTRODUÇÃO

A estimativa da Organização Mundial de Saúde (OMS), com relação à problemática de álcool e outras drogas, é que aproximadamente 10% da população de centros urbanos de todo o mundo consomem abusivamente substâncias psicoativas independentemente de idade, sexo, nível de instrução e poder aquisitivo, trazendo graves consequências para a saúde pública (Organização Mundial da Saúde, 2001). Dentre as substâncias psicotrópicas, o álcool é mundialmente a mais consumida, seguido pelo tabaco, conforme o Relatório Mundial do Escritório da Organização das Nações Unidas de Combate às Drogas e Crimes (United Nations Office for Drug Control and Crime Prevention, 2006).

O abuso de álcool também é estritamente correlacionado com a violência e o número de mortes no Brasil. De acordo com a cartilha de Políticas Públicas do Ministério da Saúde (2004), o uso de álcool expõe a pessoa a comportamentos de risco, além de aumentar a gravidade de lesões e diminuir os anos potenciais de vida. A violência e os acidentes ocupam a segunda causa de mortalidade geral no Brasil, sendo a primeira causa de óbitos entre a população jovem/adulta e, ainda, que esse perfil se mantém nas estatísticas do Sistema de Mortalidade do Ministério da Saúde, nos últimos oito anos. O uso e abuso de álcool está presente como responsável ou corresponsável em 3,2% de todas as mortes e por 4% das perdas de anos de vida útil – sem relevar os seus reflexos nas estruturas sociais e familiares (Ministério da

Saúde, 2004).

Além de induzir a maiores riscos de saúde e de violência, o abuso de substâncias psicoativas gera um custo enorme para o SUS (Sistema Único de Saúde). Considerando dados aferidos em 2001, houve no país 84.467 internações para o tratamento de problemas relacionados apenas ao uso do álcool, valor este que supera em quatro vezes o número de internações decorrentes do uso de outras drogas. Somando com o período de hospitalização, estas internações tiveram, em 2001, um custo anual para o SUS superior a 60 milhões de reais (Ministério da Saúde, 2001). Entretanto, o que se ressalta é a ineficácia dos métodos de tratamento tradicionais, pois cerca de 70% a 90% dos dependentes químicos recaem dentro de três meses (Marlatt & Donovan, 1985).

Analisando essa dramática problemática, este artigo propõe explorar a dependência alcoólica através do conceito de vazio existencial da Logoterapia, que consiste num método criado por Viktor Frankl (1905-1990), centrado no sentido, ou seja, nas motivações primárias do indivíduo. Nesta abordagem há uma quebra do auto-centrismo, confrontando o paciente com o sentido que ele assume para a sua vida e o reorientando. Tal proposta surge para explicitar, entender e superar o vazio existencial, este sendo caracterizado como um fenômeno que representa o sofrimento humano, o qual é evidenciado também pelo estado de tédio (Frankl, 1946/2008).

Inicialmente, foi feita uma revisão de literatura, através dos seguintes bancos de dados: Scielo, Biblioteca Virtual da Saúde e o portal de

periódicos do CAPES, além de publicações em livros. Os termos chaves pesquisados foram “logoterapia”, e algumas associações como “logoterapia/álcool”, “logoterapia/dependência” e suas conseqüentes traduções para o inglês (logotherapy, alcohol e addiction). Concomitantemente à revisão bibliográfica, foi realizada uma pesquisa quantitativa para verificar a correlação entre o consumo de álcool e o sentido da vida, utilizando os instrumentos CAGE e o Questionário Sentido de Vida (QSV).

LOGOTERAPIA E DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Segundo Córdoba (2007), a Logoterapia é um modelo que se ocupa do sentido, sendo que este se fundamenta em três máximas: sentido da vida (sempre há um sentido, independente da circunstância), vontade de sentido (o ser humano é dotado desta característica – e se sente frustrado quando nela surge o vazio existencial) e liberdade de vontade (somos livres dentro de nossas limitações para concretizar os sentidos de sua existência). Tais conceitos implicam e impactam significativamente na saúde mental, posto que a falta de sentido está relacionada diretamente com problemas relacionados com a depressão, abuso de substâncias, distúrbios da alimentação, ansiedade, pensamento obsessivo, fobias e outras diversas sintomatologias (Batthyany, 2012).

Frankl (1946/2008) retrata que o sentimento de vazio existencial, resultante das frustrações pessoais, está relacionado com o desenvolvimento de neuroses e de dependências

(das químicas às sexuais), baseando-se na busca do prazer como entorpecimento existencial. Este mesmo autor pontua a tríade da neurose em massa: a agressão, a depressão e a toxicodependência (Frankl, 1978/2005). Frankl (1946/2008) também coloca em seus escritos, pesquisas relacionadas ao abuso de substâncias, assinalando que 90% de alcoólicos relatam falta de sentido em suas vidas e que dependentes de drogas acreditam na ausência de sentido em suas vidas pessoais.

Martin, MacKinnon, Johnson & Rohsenow (2011) apontam também a associação entre sentido de vida e saúde mental, e a falta dessa conjuntura entre os alcoólicos. Igualmente propõem que o desenvolvimento motivacional e de sentido da vida é um aspecto importante no tratamento da dependência da cocaína. Relacionando com o abuso de substâncias, Kinnier, Metha, Keim, Okey, Alder-Tabia, Berry & Mulvenon (1994) demonstram através de pesquisas que a perda de sentido é o mediador mais significativo entre depressão e abuso de drogas, indicando que um restrito sentido de vida é um fator preditor do abuso de substâncias e de suicídio.

Marsh, Smith, Piek & Saunders (2003) sintetizam as pesquisas das décadas passadas sobre o tema, mostrando que o álcool está associado a um baixo sentido de vida juntamente com a droga, incluindo a cocaína, heroína e múltiplas outras substâncias. Corroborando com a temática, Robinson, Krentzman, Webb & Brower (2011), apontam que o sentido de vida e a motivação são tópicos importantes para se desenvolver a recuperação

do alcoólico e a manutenção da sua sobriedade, mas também apontam que os mecanismos que mostram essa relação ainda não possuem comprovação empírica. Em uma pesquisa realizada por Nicholson, Higgins, Turner, James, Stickle & Pruitt (1994) com o PIL TEST (Purpose In Life Test), foi apontado que os usuários de drogas apresentam escores menores comparados àqueles não usuários, sendo que estes, do grupo controle não usuários, tem uma maior percepção de um propósito da vida, correlacionando com a teoria de Frankl. Os baixos escores dos usuários de substâncias retratam a falta de sentido para a vida e contribuem para a infelicidade, a qual pode progredir para uma dependência (Nicholson et al., 1994).

Em outra pesquisa, realizada por Móró, Simon, Bárd & Rácz (2011), a aplicação desse mesmo instrumento, apontou que os dependentes graves de substâncias tiveram um escore menor, comparados ao grupo de usuários não dependentes dessas substâncias, indicando uma correlação positiva entre quantidade de abuso e sentido de vida. Howard (1997) aplicou os instrumentos LAP-R (Life Attitude Profile) e o PIL, observando que o grupo controle (não adictos a substâncias psicoativas) tinha um escore maior comparado aos adictos, indicando que aquele grupo tem mais sentido, controle e propósito de vida, com uma maior aceitação da morte e um menor sentimento de vazio existencial.

Frankl (1946/2008) coloca que o próprio consumo de substâncias psicoativas é um aspecto cultural das massas, mas que

representa igualmente um sentimento de falta de sentido, resultante das frustrações perante as necessidades existenciais. Cita a depressão, agressão e a adicção como retratos da nossa sociedade atual (Frankl, 1998/2012), e ainda faz referência a pesquisas relacionadas ao abuso de substâncias e vazio existencial, que concluíram que consumidores de marijuana e alucinógenos indicavam ser mais preocupados com o seu sentido para vida, comparados aos não consumidores, denotando que o próprio uso de drogas pode ser considerado uma psicoterapia auto-administrada por aqueles que sofrem dos problemas existenciais (Frankl, 1978/2005).

Lukas (1988) associa também a falta de sentido da existência com a dependência de álcool e outras drogas, no qual o sujeito se refugia de seu mundo ilusório, pontuando que a psicoterapia deveria voltar-se para a possibilidade preventiva do uso de substâncias psicoativas; associa ainda o abuso de substâncias com a época histórica na qual estamos inseridos, na qual há um bem estar econômico e social, entretanto os valores protetores estão rebaixados (como as tradições familiares), acarretando neuroses de massa.

A PESQUISA

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar como a questão do sentido da vida – aqui representados pela presença e busca de sentido – e o vazio existencial se relacionam com o uso e abuso do álcool dentro do contexto brasileiro. A hipótese da qual se partiu foi que o uso excessivo de álcool e, em decorrência dele, a dependência, podem estar correlacionados

positivamente com o sentimento de vazio existencial. Para isso foram aplicados os questionários CAGE e Questionário Sentido da Vida.

O CAGE (sigla em inglês, que se refere a palavras das perguntas que são formuladas – “Cut down”, “Annoyed”, “Guilty”, “Eye-opener”) trata-se de um questionário composto por quatro perguntas, as quais se referem ao uso do álcool. Paz Filho, Sato, Tuleski, Takata, Ranzi, Saruhashi & Spadoni (2001) explicitam que o ponto de corte são duas respostas afirmativas, sugerindo screening positivo para abuso ou dependência de álcool.

O Questionário Sentido da Vida (QSV), desenvolvido por Aquino, Gouveia, Aguiar, Serafim, Pontes, Pereira & Fernandes (2014), é um instrumento recém-elaborado que se propõe a inferir o grau de sentido da vida e as suas graduações, apresentando dois fatores: busca e realização pessoal. Segundo estes autores, a sua validade foi comprovada partir de outros questionários consagrados, como o Teste de Propósito de Vida (Pil-Teste) e a Escala de Percepção Ontológica do Tempo (EPOT), concluindo que o Questionário Sentido da Vida é adequado para mensurar a sensação de sentido da vida (Aquino et. al., 2014).

Os critérios de inclusão dos participantes foram: estar em condição de ler e compreender efetivamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e assiná-lo e ter mais de 18 anos e menos de 60 anos. A pesquisa ora em desenvolvimento foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do

Paraná, sob o protocolo Nr.22162613.4.0000.0102/2013.

Foram aplicados 36 questionários no total. Como na população aplicada haviam poucos positivos para a dependência química segundo o crivo do CAGE, foram aplicados sete questionários em coordenadores de reuniões de Alcoólicos Anônimos (AA). Foi também realizada uma entrevista com os coordenadores de mesa do AA para a análise e correlação com os dados.

A hipótese inicial da pesquisa seria que, com a abstinência, os escores dos participantes de AA aumentassem no QSV (escores relacionados à busca e à presença de sentido), indicando uma maior realização pessoal. Outra hipótese seria que o abuso de álcool, indicada com pelo menos uma resposta positiva do CAGE, retrataria um menor escore no QSV entre os participantes.

DISCUSSÃO

Dentre o grupo dos coordenadores do AA, observaram-se diferenças significativas entre as médias da Busca de Sentido e Presença de Sentido, comparados à população geral. No item do CAGE “Costuma tomar bebidas alcoólicas pela manhã para diminuir o nervosismo ou ressaca?”, aqueles que responderam positivamente a esse item (membros do AA) apresentam médias maiores do fator Presença de Sentido quando comparados aqueles que responderam negativamente e uma média também superior no fator Busca de Sentido (= 31,7) comparados

a da população geral ($\bar{x} = 20,8$; $T(34) = 3,07$, $p < 0,01$).

Outro item do CAGE apresentou diferenças significativas foi a questão “O(A) senhor(a) se sente chateado(a) consigo mesmo pela maneira como costuma tomar bebida alcoólica?”. Verificou-se diferenças apenas nas

médias da Busca de Sentido [$t(34) = 2,4$, e um $p < 0,02$]. Assim, aqueles que responderam não ($n = 31$, os não frequentadores de AA) tiveram a média menor ($\bar{x} = 21,3$) do que aqueles que responderam sim ($\bar{x} = 30,4$).

QUESTÕES DO QUESTIONÁRIO SENTIDO DA VIDA	Membros do AA		População Geral	
	Média	DP	Média	DP
Eu compreendo o sentido da minha vida	6,71	0,488	5,34	1,37
Eu estou procurando alguma coisa que faça com que minha vida tenha sentido	6,14	2,268	4,1	2,041
Eu estou sempre em busca do sentido da minha vida	6,14	2,268	4,52	2,098
Minha vida tem um sentido claro	6,86	0,378	4,86	1,481
Eu tenho uma boa consciência do que faz minha vida ter sentido	6,86	0,378	5,52	1,056
Eu descobri um sentido de vida satisfatório	6,14	2,268	5,41	1,298
Eu estou sempre procurando por algo que faça com que minha vida seja significativa	6,14	2,268	5,14	1,941
Eu estou buscando um significado ou missão para a minha vida	5,14	2,854	3,86	1,684
Minha vida não tem um propósito claro	1,57	1,512	2,48	1,617
Eu estou procurando um sentido em minha vida	3,86	3,24	3,72	1,771

Tabela 1.1. Distribuição das médias e dos desvios padrões (DP) das questões do Questionário Sentido da Vida

Os participantes do AA relataram certa dificuldade ao responder o item 8 do QVS: “Eu estou buscando um significado ou uma missão para a minha vida”, pois, por mais que na entrevista eles indicassem uma presença e busca de sentido

elevados, eles responderam “totalmente falso” nesta alternativa, com a justificativa que eles já encontraram um sentido, por isso não precisam procurar outros. Isto representa uma baixa Busca de Sentido, mas não contradiz com a Presença de Sentido, obtendo escores muito destoantes:

RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO SENTIDO DA VIDA	Minha vida tem um sentido claro		Eu estou procurando um sentido em minha vida	
	População Geral	Membros do AA	População Geral	Membros do AA
Totalmente Falso	0%	0%	13.8%	42.9%
Geralmente Falso	10.3%	0%	17.2%	0%
Parcialmente Falso	6.9%	0%	6.9%	14.3%
Nem Falso nem Verdadeiro	20.7%	0%	27.6%	0%
Parcialmente Verdadeiro	20.7%	0%	20.7%	0%
Geralmente Verdadeiro	31%	14.3%	6.9%	0%
Absolutamente Verdadeiro	10.3%	85.7%	6.9%	42.9%
TOTAL	100%	100%	100%	100%

Tabela 1.2. Frequência nas respostas da pergunta “Minha vida tem um sentido claro” e “Eu estou procurando um sentido em minha vida”, da população geral e dos coordenadores do AA. Observa-se a grande variedade de respostas da população geral na primeira questão, contrapondo-se ao grupo de coordenadores do AA, no qual todos marcaram “Absolutamente Verdade” ou “Geralmente Verdade” nesta questão. Sobre a segunda questão, nota-se e os baixos escores desse item na população geral e a dispersão de respostas dentro dos coordenadores do AA, que durante a entrevista relataram outra percepção e resposta desta questão (pontuaram que a vida já tem um sentido, por isso não precisa busca-lo).

De forma geral, estes participantes do AA obtiveram escores mais elevados em todas as questões comparados à população geral, contudo, devido à pequena amostra, não tiveram outros dados estatisticamente significantes, além dos mencionados anteriormente. Entretanto, a população pesquisada foi restrita, sendo que os participantes do AA eram os coordenadores da reunião, os quais tem uma relação mais estrita com a irmandade, com um senso de responsabilidade e de aproximação mais intenso, comparados aos outros membros desta reunião. Os outros participantes da reunião do AA se recusaram a responder o questionário, responsabilizando o coordenador pelo seu preenchimento. Este dado interfere na pesquisa, sendo necessários estudos posteriores para reafirmar esta posição que os participantes do AA dotam suas vidas de significados e tem um motivo/objetivo de vida maior do que comparados à população geral.

Concomitante com os questionários, ocorreram entrevistas semi-estruturadas com os coordenadores de quatro grupos de AA, os quais pontuaram que durante a dependência eles não apresentavam mais sentido para as coisas e para a vida, ficavam presos ao ciclo da dependência, e que foi no grupo do AA que conseguiram resignificar as suas vidas. Eles ressaltam também a importância desta irmandade e da formação de um grupo social, indicando princípios como a solidariedade e sociabilidade no auxílio à prevenção de recaídas e entendimento da dependência alcoólica.

E esta eficácia e doação de sentido através desta instituição é comprovada pela literatura, como citado por Ferreira (2011), que desenvolve a ideia que dentro do AA, o alcoolismo e o álcool assumem a função de operadores simbólicos, a qual guiam a construção de sentidos sobre as experiências vivenciadas pelos participantes, possuindo um efeito terapêutico devido a permuta de

experiências e resignificações destas.

Por isso, o AA se apresenta como uma filosofia, aliada à ideia de espiritualidade, que oferece sentidos àqueles que participam das suas reuniões, igualmente como as religiões modernas, pois, segundo Aquino, Correia, Marques, Souza, Freitas, Araújo, Dias & Araújo (2009), a religião aponta um caminho a ser seguido e, aliada a ritos e símbolos comuns, passa a ser um fator protetor ao vazio existencial, auxiliando o bem estar psíquico e físico. Isto é igualmente compatível com a literatura que associa o uso positivo da espiritualidade/religiosidade no enfrentamento de situações de estresse ou em processos de saúde-doença – comumente denominado de coping religioso-espiritual (CRE) – ou como fator protetor ao consumo de drogas e ao seu enfrentamento (Pargament, 1997; Koenig, 2000; Dalgalarrrondo, Soldera, Corrêa Filho & Silva, 2004; Faria & Seidl, 2005; Paiva, 2007; Panzini & Bandeira, 2007; Sanchez & Nappo, 2007).

Ao analisar a população geral, foram cruzados os dados entre uma resposta positiva no CAGE e o seu impacto no QSV, e observou-se que o grupo que marcou pelo menos uma resposta positiva CAGE apresentou menores escores comparados ao grupo que respondeu negativamente todas as perguntas do CAGE. Dentre estas questões, a única que teve significância estatisticamente ($p = 0,024$) foi a questão “Minha vida tem um sentido claro”.

Entretanto a população estudada também foi muito pequena ($n=29$), o que interfere na generalização dos dados. Mas a

análise qualitativa dos dados revela que as hipóteses anteriormente colocadas foram confirmadas, retratando que quem respondeu pelo menos uma resposta positiva ao CAGE tem um menor escore, ou seja, tem um menor grau de realização e de busca de sentido em sua vida.

Corradi-Webster, Laprega, & Furtado (2005) explicam que o ponto de corte recomendado ao CAGE é de >2 , contudo, em suas pesquisas, estes autores analisaram que esta pontuação deixava de identificar casos de dependência ou uso nocivo do álcool, sugerindo como ponto de corte uma resposta positiva, no mínimo, para o CAGE.

Portanto, pessoas que fazem um maior uso do álcool tem um escore menor do que comparado àquelas que não bebem em grandes quantidades. Como citado anteriormente, Frankl (1946/2008) explica que este fenômeno do abuso do álcool é uma face do sentimento de falta de sentido, resultante das frustrações existenciais, afetando também na etiologia da neurose; também coloca a questão do uso do álcool como uma psicoterapia auto-administrada por pessoas que tem problemas existenciais, retratando o consumo como forma de auto-medicação e entorpecimento frente o sentimento de falta de sentido (Frankl, 1978/2005).

Interessante notar também que as médias foram menores entre as questões de Busca de Sentido comparadas à Presença de Sentido, especialmente a última questão do QSV: “Estou procurando um sentido em minha vida”, que obteve uma média de escore de 3,72, o que retrata uma pequena procura e

importância dada aos sentidos que norteiam as nossas vidas, além de baixos significados pessoais da população em uma forma geral. Frankl (1978/2005) coloca que isto retrata um fenômeno da sociedade atual, representado pelo vazio existencial, o qual está presente em todo o mundo, independente do modelo econômico seguido ou dos índices de desenvolvimento de cada região, com uma população que busca os prazeres humanos e se caracteriza também pela ostentação pessoal (Frankl, 1946/2008). Frankl (1988/2007) ainda assinala que, na atualidade, busca-se satisfazer todos os desejos humanos, mas, com a sociedade do consumo, criam-se novas necessidades que não podem ser sempre satisfeitas, como a necessidade de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na estratégia terapêutica do AA, nos seus Doze Passos, aparece claramente a impossibilidade de reduzir o alcoolismo a uma doença apenas física, biológica ou comportamental, implicando uma dimensão própria da consciência. Inclusive, segundo Campos (2004), o AA constituiu mesmo um modelo para diversos grupos de ajuda mútua. Na sua pesquisa, ele constata que os participantes do AA realizam uma oposição **bêbado/doente que a doença do alcoolismo** “é (re)significada no interior de AA, assumindo **uma dimensão propriamente ‘físico-moral’.**” (Campos, 2004, p. 1383), limitando a vontade do alcoolista e não permitindo ao mesmo agir com a sua responsabilidade. Assim, o AA define o alcoolismo também como uma doença do espírito, cuja estratégia de tratamento

“possibilita a recuperação do alcoólico, por intermédio do resgate de sua responsabilidade, ao mesmo tempo física e moral” (Campos, 2004, p. 1386).

De forma semelhante, Almeida e Rodrigues (2002), ao analisar os doze passos do AA sob a ótica sartreana, relatam que eles trabalham, mesmo que implicitamente, a dimensão da escolha e da responsabilidade do participante e que isto também fundamenta a sua eficácia. Desta forma, no tratamento do AA existe claramente um componente relacionado a esfera imaterial e dos valores.

Para Frankl (1946/2008) a dependência é um dos disfarces do vazio existencial, sendo que este pode ser compensado de outras maneiras, como a busca da vontade de poder, prazer, compensações sexuais, vícios, ociosidade e obsessões. Por isso, como o próprio Frankl (1969/2011) coloca, o álcool assume a função de fator bioquímico da felicidade, pois aparece como uma causa, e não como uma finalidade do prazer. Portanto, o abuso de álcool retrata uma forma falseada de se obter satisfação pessoal, pois este consumo não é a causa primária da satisfação e da esperada felicidade, mas consequência da inexistência de outros meios de obtenção da realização pessoal.

Consoante com a literatura aqui apontada, percebe-se que a ausência de sentido na vida interfere nas relações que o sujeito estabelece em seu meio, seja com os outros, seja consigo mesmo. E esta falta aparece na dependência química, sendo que é necessário o resgate de objetivos de vida e da busca por novos sentidos para que o indivíduo se recupere.

Portanto, a partir dessa análise, observa-se a necessidade da compreensão do processo de dependência, não nos moldes reprodutivos e repetitivos que aparecem na atualidade, mas de como o abuso aponta para a realidade subjetiva dos usuários e como os ideais de sentido da vida

e do vazio existencial, propostos pela logoterapia, interferem nessa problemática. Assim, abre-se o caminho para que futuramente desenvolvam-se novas temáticas para nortear tratamentos da dependência química.

REFERÊNCIAS

- Alcoólicos Anônimos. (2008). Alcoólicos Anônimos (4th ed.). São Paulo, SP: JUNAAB. (Trabalho original publicado em 1939).
- Alcoólicos Anônimos. (2011). Os doze passos e as doze tradições. São Paulo, SP: JUNAAB. (Trabalho original publicado em 1952).
- Álvarez, A. M. A. (2007). Fatores de risco que favorecem a recaída no alcoolismo. *J Bras. Psiquiatr*, 56(3), 188-193. Recuperado em 15 de fevereiro de 2013, da SciELO (Scientific Electronic Library Online): <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v56n3/a06v56n3.pdf>
- Amatuzzi, M. M. (2008). Por uma psicologia humana (2. ed.). São Paulo, SP: Alínea.
- Barreira, C. R. A., & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In: Mahfoud, M; Massimi, M. (Orgs.). *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 449-466). Belo Horizonte, MG: Artesã.
- Bauman, Z. (1998). O mal-estar da pós-modernidade [Versão digital em Adobe Reader]. Recuperado em 06 de abril de 2014 de http://minhateca.com.br/fezhiii/O+mal+estar+da+p*c3*b3s+modernidade++Zygmunt+Bauman,243794.pdf
- Breese, G. R., Sinha, R., & Heilig, M. (2011). Chronic alcohol neuroadaptation and stress contribute to susceptibility for alcohol craving and relapse. *Pharmacol Ther*, 129(2), 149-171. Recuperado em 25 de abril de 2013, de: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal>
- Carlini, E. A., Galduróz, J. C. F., Nappo, S. A., & Noto, A. R. (2002). I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país - 2001. São Paulo: CEBRID – Centro Brasileiro de Informações sobre drogas psicotrópicas. UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo. Recuperado em 10 de fevereiro de 2013, de: <http://nute.ufsc.br/bibliotecas/upload/ildomiciliarusodrogaspsicotropicas.pdf>
- Chagas, M., Hildebrandt, L. M., Leite, M. T., Stumm, E. M. F., & Vianna, R. M. (2010). O alcoolismo e o grupo de alcoólicos anônimos: o conhecimento de alcoolistas. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, 2, 190–212.
- Chung, T., & Maisto, S. A. (2006). Relapse to alcohol and other drug use in treated adolescents: review and

- reconsideration of relapse as a change point in clinical course. *Clinical Psychological Review*, 26, 149-161.
- Coelho Júnior, A. G., & Mahfoud, M. (2001). As dimensões espiritual e religiosa da experiência humana: distinções e inter-relações na obra de Viktor Frankl. *Psicoogia. USP*, 12(2), 95-103.
- Coelho Júnior, A. G. (2006). As especificidades da comunidade religiosa: pessoa e comunidade na obra de Edith Stein. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Frankl, E. V. (2003). *Sede de sentido* (3 Aufl., H. Elfes, trad.). São Paulo, SP: Quadrante. (Trabalho original publicado em 1974).
- Frankl, E. V. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo* (17 Aufl., V. H. S. Lapenta, trad.). Aparecida, SP: Ideias & Letras. (Trabalho original publicado em 1978).
- Frankl, E. V. (2010). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamento da logoterapia e análise existencial* (5 Aufl., A. M. de Castro, trad.). São Paulo, SP: Quadrante. (Trabalho original publicado em 1946).
- Frankl, E. V. (2011). *A presença ignorada de Deus* (13 Aufl., rev., W. O. Schlupp & H. H. Reinhold, trad.). São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1948).
- Frankl, E. V. (2011a). *A vontade sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia* (I. S. Pereira, trad.). São Paulo, SP: Paulus. (Trabalho original publicado em 1969).
- Frankl, E. V. (2012). *Em busca de um sentido: um psicólogo no campo de concentração* (32 Aufl., rev., W. O. Schlupp & C. C. Aveline, trad.). São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1945).
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6a ed.). São Paulo: Atlas.
- Giovanetti, J. P. (2012). *Psicoterapia fenomenológico-existencial: fundamentos filosófico-antropológicos*. Belo Horizonte, MG: FEAD.
- Heilig, M., Egli, M., Crabbe, J. C., & Becker, H. C. (2010). Acute withdrawal, protracted abstinence and negative affect in alcoholism: are they linked? *Viciado Biol*, 15(2), 169-84. Recuperado em 25 de abril de 2013, de: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20148778>
- Holmes, R. M. (1970). Alcoholics Anonymous as group logotherapy. *Pastoral Psychology*, 21(3), 30-36.
- Kluth, V. S. (2011). A rede de significações: um pensar metodológico de pesquisa. In Bicudo, M. A. V. (Org.). *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica* (pp. 75-98). São Paulo, SP: Cortez.
- Kroef, P. (2011). Logoterapia: uma visão da psicoterapia. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(1), 68-74.
- Lagercrantz, L. N. (2007). *A experiência religiosa no grupo dos Alcoólicos Anônimos*. Monografia, Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF. Recuperado em 09 de fevereiro de 2013, de: <http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream.pdf>
- Lukas, E. (1992). *Prevenção psicológica: a prevenção de crises e a proteção do mundo interior do ponto de vista da logoterapia*. (C. A. Pereira, trad.). São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado

em 1989).

Moos, R. H., & Moos, B. S. (2006). Rates and predictors of relapse after natural and treated remission from alcohol use disorders. *Addiction*, 101(2), 212–222.

Neves, D. P. (2004). Alcoolismo: acusação ou diagnóstico? *Caderno de Saúde Pública*, 20(1), 7-36.

Noblejas de la Flor, M.A. (1998). Evaluación de los abandonos en las primeras fases de un programa de tratamiento de drogadicción. *NOUS: Boletín de Logoterapia y Análisis Existencial*, 2, 73-79.

Oga, S., Camargo, M. M. A., & Batistuzzo, J. A. O. (2008). *Fundamentos de Toxicologia* (3a ed.). São Paulo, SP: Atheneu.

Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2009). O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evolução. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 203-211.

Pereira, I. S. (2007). A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. *Psicologia USP*, 18(1), 125-136.

Pereira, I. S. (2008). Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl. *PSICO*, 39(2), 159-165.

Pereira, I. S. (2013). *A ética do sentido da vida: fundamentos filosóficos da logoterapia*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.

Peter, R. (1999). *Viktor Frankl: a antropologia como terapia* (T. C. Stummer, trad.). São Paulo, SP: Paulus.

Pires, F. B., & Schneider, D. R. (2013). Projetos de vida e recaídas em pacientes alcoolistas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(1), 21-37.

Rigotto, S. D., & Gomes, W. B. (2002). Contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 18(1), 095-106.

Silva Júnior, I. A. (2012). *O ser alcoolista: estudo compreensivo à luz da análise existencial*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

Sinha, R., & Li, C. S. (2007). Imaging stress- and cue-induced drug and alcohol craving: association with relapse and clinical implications. *Drug Alcohol Review* 26(1), 25-31.

Schutz, A. (2012). *Sobre fenomenologia e relações sociais* (R. Weiss, trad., H. T. R. Wagner (Org.)). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1970).

van der Leeuw, G. (2009). A religião em sua essência e suas manifestações: fenomenologia da religião, epílogo. *Revista Abordagem Gestalt*, 15(2), 179-183.

Xausa, I. A. M. (2013). *A psicologia do sentido da vida* (2ª ed.). São Paulo, SP: Vide Editorial.

Enviado em: 21/03/2015

Aceito em: 25/10/2015

SOBRE OS AUTORES

Dionete Maria Mendes Nogueira. Possui graduação em Direito pela Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES (1996). Graduada em Psicologia pelas Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros - Minas Gerais.

Achilles Gonçalves Coelho Júnior. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Psicologia na FFCLRP-USP. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000) e Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006). Atualmente é professor das Faculdades Integradas Pitágoras de Montes Claros.